

A Céu Aberto: um exercício de teatro comunitário, entre a ancestralidade do mundo rural e a (necessária) resistência à mineração capitalista

Renata Zanete

Universidade do Minho
Braga, Portugal
renaflai@gmail.com
orcid.org/0000-0002-2325-5204

Resumo | O artigo apresenta o processo de criação em teatro comunitário do espetáculo *A Céu Aberto*, pelo grupo de Teatro do Campo, da Associação Cultural Rural Vivo, realizado em Terras de Bouro, Portugal, entre fevereiro e junho de 2022. A montagem reflete sobre o ataque à ancestralidade do mundo rural, na iminência do avanço capitalista, pela almejada exploração do lítio. Assinalamos que a resistência vem sendo empreendida pelas populações locais e por diversos coletivos de ativistas. O Teatro do Oprimido de Augusto Boal e alguns princípios do Teatro Comunitário orientaram a criação dramática, a partir da análise de alguns jogos de força e poder que se colocam no panorama atual da exploração mineira, num contexto de crise ambiental. Experimentações cênicas foram realizadas, em torno de situações e conflitos pesquisados nos meios de comunicação e também com populações afetadas pela mineração, num passado recente. Para a trilha sonora selecionamos músicas já existentes, e também criamos algumas letras e melodias novas e paródias, cantadas pelos atores. Uma visão cosmopolítica ampara nosso olhar na análise do fenômeno da exploração mineira em ambientes rurais. O conceito de a(r)tivismo não fez parte dos pressupostos que nutriram o processo criativo. Entretanto, parece-nos apropriado, para situar o espetáculo teatral produzido, o ponto de vista que defende, e a dimensão crítica que imagina que o público possa desenvolver, a partir da fruição.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro comunitário.
Resistência. A(r)tivismo.

A Céu Aberto: an exercise in community theater, between the ancestry of the rural world and the (necessary) resistance to capitalist mining

Abstract | The article presents the process of creation in community theater of the show *A Céu Aberto*, by the Teatro do Campo group, from Associação Cultural Rural Vivo, held in Terras de Bouro, Portugal, between February and June 2022. The montage reflects on the attack to the ancestry of the rural world, on the verge of capitalist advance, for the desired exploitation of lithium. We point out that resistance has been undertaken by local populations and by various groups of activists. The Theater of the Oppressed by Augusto Boal and some principles of the Community Theater guided the dramatic creation, based on the analysis of some games of force and power that are placed in the current scenario of mining exploration, in a context of environmental crisis. Scenic experiments were carried out, around situations and conflicts researched in the media and also with populations affected by mining, in the recent past. For the soundtrack we selected already existing songs, and also created some new lyrics and melodies and parodies, sung by the actors. A cosmopolitical vision supports our view in analyzing the phenomenon of mining in rural environments. The concept of a(r)tivism was not part of the assumptions that nourished the creative process. However, it seems appropriate, to situate the theatrical show produced, the point of view that it defends, and the critical dimension that it imagines that the public can develop, from the fruition.

KEYWORDS: Community theater. Resistance. A(r)tivism.

A Céu Aberto: un ejercicio de teatro comunitario, entre la ancestralidad del mundo rural y la (necesaria) resistencia a la minería capitalista

Resumen | El artículo presenta el proceso de creación en teatro comunitario del espectáculo *A Céu Aberto*, de la agrupación Teatro do Campo, de la Associação Cultural Rural Vivo, realizado en Terras de Bouro, Portugal, entre febrero y junio de 2022. El montaje reflexiona sobre el ataque a la ascendencia del mundo rural, en la inminencia del avance capitalista, por la ansiada explotación del litio. Señalamos que la resistencia ha sido emprendida por las poblaciones locales y por varios grupos de activistas. El Teatro del Oprimido de Augusto Boal y algunos principios del Teatro Comunitario orientaron la creación dramática, a partir del análisis de algunos juegos de fuerza y poder que se sitúan en el panorama actual de la explotación minera, en un contexto de crisis ambiental. Se realizaron experimentos escénicos, en torno a situaciones y conflictos investigados en medios de comunicación y también con poblaciones afectadas por la minería, en el pasado reciente. Para la banda sonora seleccionamos canciones existentes y también creamos algunas letras y melodías y parodias nuevas, cantadas por los actores. Una visión cosmopolítica sustenta nuestra mirada en el análisis del fenómeno de la minería en el medio rural. El concepto de a(r)tivismo no formaba parte de los presupuestos que alimentaban el proceso creativo. Sin embargo, nos parece oportuno situar el espectáculo teatral producido, el punto de vista que defiende, y la dimensión crítica que imagina que puede desarrollar el público, a partir de la fruição.

PALABRAS CLAVE: Teatro comunitario. Resistencia. A(r)tivismo.

Enviado em: 29/09/2022
Aceito em: 03/11/2022
Publicado em: 16/12/2022

Eles comem tudo, eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada
Zeca Afonso

Aprende a nadar, companheiro
Aprende a nadar, companheiro
Que a maré se vai levantar
Que a maré se vai levantar

Fausto, José Mário Branco e Sérgio Godinho

Introdução

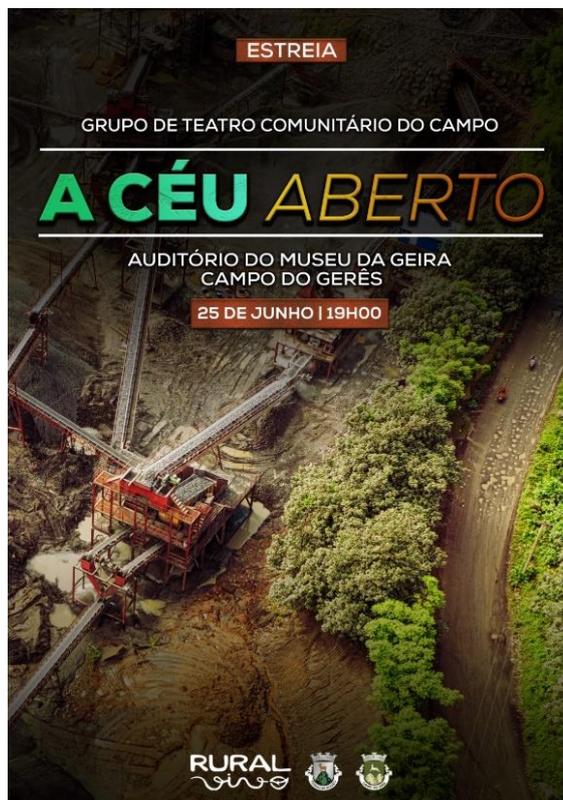


Figura 1. Cartaz do espetáculo A Céu Aberto. Teatro do Campo do Gerês, Terras de Bouro, 2022.

Neste artigo, pretendemos apresentar alguns aspectos que orientaram o processo de criação em teatro comunitário do espetáculo *A Céu Aberto*, pelo grupo de Teatro do Campo¹, da Associação Cultural Rural Vivo². Intentamos ainda refletir

¹ Nesta montagem teatral, fizeram parte do elenco: Alcía Wiedemann, Cheila Rodrigues, Edmundo Carvalho, Evelyne Mussons, Joa Gomes, Jorge Carvalho, Lilian Zeller, Lina Satriano, Maria Assunção, Patrícia Soares e Susana Fernandes. Dramaturgia: Renata Flaiban e o grupo. Encenação e direção artística: Renata Flaiban. Figurinos e adereços: o grupo. Trilha sonora: Frankão, Manuel Costa e o grupo. Projeções: Eduardo Costa e Evelyne Mussons.

² Rural Vivo é uma associação cultural sem fins lucrativos, sediada no Campo do Gerês, em Terras de Bouro, Portugal, criada em 2019, com a finalidade de fortalecer o tecido rural, através da dinamização cultural, em projetos e eventos nas áreas da Agroecologia, Educação e Artes. É constituída por um grupo de artistas, educadores/as, agricultoras/es e investigadores/as. Atualmente desenvolve projetos sociocomunitários, através das Artes, com os apoios da Direção Geral das Artes-Ministério da Cultura, da Fundação Calouste Gulbenkian & Fundación La Caixa. <https://www.ruralvivo.org/>

sobre conceitos como ancestralidade, comunitarismo, cosmopolitismo, mundo rural, resistência e a(r)tivismo, que se apresentam articulados, neste caso, com o fazer teatral.

A montagem de teatro comunitário foi desenvolvida em sessões semanais, com duas a três horas de duração, na antiga Escola Primária, de fevereiro a junho de 2022, no Campo do Gerês, em Terras de Bouro, Portugal. A estreia deu-se no dia 25 de junho de 2022, no Auditório do Museu da Geira, dentro da Programação do IV Encontro de Artes, Ecologia e Ruralidades que, por sua vez, foi integrante do Projeto Resiliência Rural, que contou com apoio da Direção Geral das Artes, da Câmara de Terras de Bouro e da Junta de Freguesia de Campo do Gerês. A segunda apresentação aconteceu no dia 14 de agosto, ao ar livre, em frente à Igreja e ao lado do escritório da Savannah Resources, em Covas do Barroso, dentro da programação do segundo Acampamento em Defesa do Barroso, ocorrido de 12 a 15 de agosto de 2022.

Um pouco de contexto

O lítio vem sendo apontado, na grande mídia, como o “ouro branco”, o principal minério necessário à produção de baterias para carros elétricos, por oposição ao ouro negro, o petróleo, que também movimentou interesses pela sua captura, no passado. A crítica ao uso dos combustíveis fósseis, a agressividade sentida nas alterações climáticas, nos mais diferentes pontos do planeta, e a almejada transição energética para fontes mais limpas ou renováveis, vêm impulsionando a atividade da mineração que, muitas vezes, é movida apenas pelos interesses do capital, em detrimento da qualidade de vida das populações locais onde estas explorações mineiras acontecem. Em Portugal, temos visto tomadas de decisão, em prol da mineração, pelos poderes públicos, muitas vezes sem consulta às populações residentes, e já com o início dos trabalhos de prospecção, nos terrenos, sem os devidos estudos de impacto ambiental aprovados.

Em geral, no território português, temos muitas aldeias com baixíssima densidade populacional, com residentes de idade bastante avançada. A atividade agrícola e o turismo rural são os meios de subsistência mais frequentes. Nenhuma destas duas atividades econômicas compatibilizam-se com o tipo de exploração que se dá na mineração.

No Núcleo expositivo da Torre de Menagem do Castelo de Lindoso (uma das aldeias do Parque Nacional da Peneda Gerês), sob a pergunta “Que futuro?” temos uma breve explanação sobre o êxodo rural das populações para os centros urbanos, que se dá a partir de meados do século XX. Transcrevemos o texto abaixo, que está na exposição, que nos parece bastante ilustrativo sobre as contradições que envolvem a preservação das tradições do mundo rural, no contexto turístico e econômico.

Atualmente, a valorização da paisagem exige a superação de contradições e conflitos (...) a procura turística, pelos cidadãos, de uma paisagem serrana tradicional, que corre o risco de não ter ninguém que a mantenha “tradicional”. (...) De facto, os mais importantes e valorizados atributos das montanhas, que constituem, aliás, a atração primeira dos turistas, a diversidade ecológica e a variabilidade das paisagens, são um produto humano. Mas os seus agentes, os lavradores e pastores que as

modelaram e conservam, nunca foram compensados por isso, antes pelo contrário. Poderá ser diferente no futuro?

Foi curioso observarmos, num outro segmento desta mesma exposição que, desde a época romana, já havia exploração da mineração aurífera na região.

As altas temperaturas deste verão de 2022, com muitos dias de temperaturas próximas dos 40 graus, imensas situações de seca e queimadas a espalharem-se pelo país, dão-nos uma “mostra” do que pode vir a acontecer caso se venha a acelerar, ainda mais, a degradação do meio ambiente. O aquecimento e as alterações climáticas estão a avançar a todo o curso. Em muitos locais nos quais a mineração a céu aberto, para extração de lítio, já está em andamento, como na Bolívia e no Chile, as populações locais queixam-se do esgotamento dos recursos hídricos (<https://iela.ufsc.br/noticia/devastacoes-da-extracao-de-litio-no-chile>), as paisagens são radicalmente alteradas (<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58324158>). Claudia Liba, Hellen Rocha e Mary Castro expõem a situação de uma cidade brasileira, e as contradições que envolvem esta atividade econômica, principalmente na visão daqueles que nela estão empregados, no artigo “Mineração de lítio, percepção ambiental em Divisa Alegre-MG: desenvolvimento para quem?” (2020). Já no título do artigo, as autoras questionam o que seria o “desenvolvimento”, no que toca à exploração do lítio.

O conceito de cosmopolitismo vem bem a calhar para pensarmos esta interligação entre atividades econômicas e (as devastações provocadas pelas) alterações climáticas, olhando por uma lente que envolve diferentes geografias. No momento em que escrevo este artigo, início de setembro de 2022, o Paquistão sofre enchentes aterrorizantes, sendo um dos países que menos contribui para a emissão de carbono, o que leva alguns estudiosos ao conceito de desigualdade climática. O Corona vírus que vem atingindo a humanidade em modo pandêmico também tratou de nos mostrar o quanto estamos interligados, através do planeta, e o quanto as desigualdades econômicas e as decisões políticas podem levar à morte de muitas populações, por pretensos fechamentos em nações ou continentes, em oposição a um olhar ou estratégia mais cosmopolita para a questão. A filósofa belga Isabelle Stengers, em seu artigo “A proposição cosmopolítica”, postula que tal proposição

nada tem a ver com o milagre de decisões “que colocam todo o mundo de acordo”. O que aqui importa é a proibição do esquecimento, ou pior, da humilhação. Notadamente, aquela que produz a ideia indigna de que uma compensação financeira deveria ser suficiente, essa tentativa obscena de dividir as vítimas, de isolar os relutantes se dirigindo antes àqueles que, por uma razão ou outra, aceitarão se curvar mais facilmente. Tudo terminará talvez com o dinheiro, mas não “pelo” dinheiro, pois o dinheiro não fecha a conta. Aqueles que se reúnem devem saber que nada poderá apagar a dívida que liga sua eventual decisão às suas vítimas. (2018, p. 462).

Apenas para termos uma ideia de como as situações são conflitantes, podemos observar a situação dos Baldios, em Portugal (<https://www.icnf.pt/florestas/regimeflorestal/baldios?m=draft>). Estes são terrenos de propriedade da União, do solo para baixo, mas de uso comunal, pelos cidadãos, em sua superfície, o que acaba por gerar desencontros entre o que

querem para o presente e o futuro, os poderes da administração pública e a população local, haja vista que, nem sempre, os projetos, valores e interesses dos representantes eleitos pelo povo convergem com os projetos, valores e interesses daqueles que os elegeram, por mais estranho que possa parecer.

Nos dois eventos em que a peça *A Céu Aberto* foi apresentada, houve muitas rodas de conversas e explanações sobre a situação da exploração mineira, em diferentes países, principalmente pelo olhar de movimentos e grupos ativos na resistência ao avanço desta atividade.

Em Covas do Barroso, freguesia de Boticas, na sub-região de Alto Trás-os-Montes, neste verão de 2022, já está sendo necessário o fornecimento de água para suprir as necessidades das plantações, dos animais e da população local. Imaginar a mineração instalando-se ali, significa expulsar os atuais moradores, extinguir este modo de vida, em prol de um outro modelo de “desenvolvimento” econômico. Não podemos deixar de salientar que o Barroso foi, em 2018, o primeiro território português a receber, das Nações Unidas, o título de “Património Agrícola Mundial”. (https://www.rtp.pt/noticias/pais/regiao-do-barroso-foi-declarada-patrimonio-agricola-mundial_v1070985).

O forno comunitário, instalado em frente à igreja e ao lado do escritório da Savannah, empresa mineradora, é algo que chama nossa atenção, no poder simbólico que emana, no que diz respeito a uma vida comunitária. Foi utilizado para assar pizzas durante o acampamento em que participamos. Tem do lado de fora uma placa com um texto do escritor português Miguel Torga.

Covas do Barroso, 8 de Setembro de 1987. Uma bonita imagem de Nossa Senhora de Rocamador na igreja matriz, e o forno do povo ainda quente e a reacender da última fornada. Um lavrador, quando me viu ougado, meteu a navalha a uma broa e fartou-me. O comunitarismo, por estas bandas, não é uma palavra vã. Significa solidariedade activa em todos os momentos. Até a fome turística tem direito ao pão da fraternidade. (Miguel Torga, in “Diário XV”, págs. 64/65)



Figura 2. Forno Comunitário. Covas do Barroso, Boticas, 2022.

Uma réplica de forno comunitário semelhante a este do Barroso encontra-se logo à entrada da exposição permanente da Torre de Menagem do Castelo de Lindoso, sobre a qual iremos nos deter mais adiante. Entretanto, queremos salientar este artefato como algo que é valorizado, em vários territórios rurais

portugueses, como algo tradicional e, ao mesmo tempo, já digno de musealização, ou seja, pertencente ao passado, uma vez que o funcionário que estava na Torre, no dia de nossa visita, informou que já não se encontram, naquela aldeia, fornos como aquele, em funcionamento.

Assim como Torga, no Barroso, nos anos 1989, fiquei sensibilizada, em 2022, nos momentos de refeição comunitária, por ocasião do IV Encontro de Artes, Ecologia e Ruralidades, acontecido no Campo do Gerês. Em meio a árvores e ao lado da água a correr, no espaço chamado “Chão de Baixo”, ou ainda no Espaço da Eira, ao lado da igreja, enormes panelões de comida saborosa saciaram a fome de todos os que estavam por ali, ora gratuitamente, ora a preço simbólico. Nosso último ensaio antes da estreia foi invadido pelos cheiros da cozinha. Confesso que senti, logo que cheguei naquele dia, um certo caos no ar, com aquela mistura de figurinos, caixotes de legumes, adereços e panelas no espaço, na antiga escola primária. No entanto, vendo agora a situação, à distância, parece que uma arte esteve a alimentar a outra, numa relação pouco usual entre teatro e culinária. Os cozinheiros, porque eram em sua maioria homens, neste dia, assistiram ao ensaio enquanto cozinhavam, e nosso ensaio teatral se nutriu dos cheiros da cozinha, e da defesa das tradições ancestrais, como plantar sem venenos, cozinhar e partilhar as refeições comunitariamente.

Voltando a Covas do Barroso, uma outra placa, ao lado do forno, explica ao visitante sua importância, através dos tempos, para assar e distribuir broas em dias de festas religiosas, ao desempenhar “importante papel na sociedade aldeã”, onde as pessoas “se reuniam durante os serões”, para o “café do povo”, e também no uso do espaço como albergue para mendigos e peregrinos que ali precisassem pernoitar.



Figura 3. Igreja e escritório da Savannah. Covas do Barroso, Boticas, 2022.

Nas ruas próximas deste centro da aldeia não há estabelecimentos comerciais, apenas alguns cafés e, neste largo central, também se sobressai o Cruzeiro bizantino de 1776 (<https://visitboticas.pt/2022/01/trilho-de-covas-do-barroso-pr1-btc/>), que possui uma placa com identificação em QR Code, além da indicação de que faz parte do Roteiro Turístico do Alto Tâmega. Dentre as residências que compõem a aldeia há muitas casas em granito com a inscrição, logo à entrada, diretamente na pedra, de anos do século XVIII, o que nos dá a dimensão da antiguidade do lugar. As trilhas que fizemos, como por exemplo a do Guerreiro, possui calçamento rústico em pedra que remonta aos romanos. Detenho-me nestas

descrições, pois choca ver, bem no centro de uma aldeia com estas características, o escritório da Savannah Resources, com o slogan abaixo da logomarca, na placa: "Enabling Europe's Energy Transition", além de um cartazete, logo ao lado, num quadro de vidro, informando que o escritório está aberto para informações à comunidade às quartas-feiras, das 9 às 13 horas. A placa de identificação da empresa sofreu uma delicada interferência durante o Acampamento do Barroso.



Figura 4. Placa com interferência no escritório da Savannah. Covas do Barroso, Boticas, 2022.

Por diversas vezes, ao longo do processo de criação do espetáculo teatral, consideramos se iríamos dizer o nome das empresas ou se faríamos trocadilhos com eles. O nome Savannah, trocado para Sacana, aparece numa cena de protesto. Acabamos por mencionar ainda o nome da empresa Aurora, que nos inspirou à paródia da música de mesmo nome, que abordaremos mais adiante.



Figura 5. Uma cena de protesto, do espetáculo A Céu Aberto. Terras de Bouro, 2022. Foto de Rafael Carvalho.

Na região do Barroso, algumas placas sinalizadoras das estradas costumam ter, no verso, o picho "Minas Não!", assim como nas paradas de ônibus.

Interferências no meio da paisagem também têm sido feitas, para sensibilizar as populações e protestar. Diversos coletivos têm surgido, a fim de defender a natureza e o modo de vida rural, contra os avanços da predadora atividade mineira que se pretende espalhar pelo país: Minas Não, Barroso sem Minas.org, Movimento não às minas – Montalegre, entre muitos outros (<https://guilhotina.info/2022/01/30/protestos-minas-28j/>). A resistência desenvolvida por estas organizações é o que tem freado o avanço da mineração em solo português.

Os argumentos dos defensores da mineração alinham-se à ideia de que a humanidade precisa urgentemente de novas fontes de energia, para as quais o lítio tem vindo a ser anunciado como a saída quase milagrosa. O concurso internacional aberto em Portugal, denominado Programa de Prospecção e Pesquisa de Lítio (PPP-L), envolve ¼ do território português e 30 diferentes minérios, que as empresas demonstram interesse em explorar, a reboque do lítio (<https://miningwatch.pt/mapadominerio/index.html>).

Entretanto, a chamada transição energética, a nosso ver, não pode se dar sem reflexão e de maneira apressada, para o bem de uns em detrimento do menosprezo e eliminação de outros. O modo de vida e consumo, nas grandes cidades, não nos parecem ser muito questionados, enquanto o modo de vida e toda a cultura que envolve o mundo rural soam como um alvo fácil a ser atingido, nas propostas de execução de mineração que temos visto avançar. Instaura-se um pensamento dicotômico que, em verdade, reforça preconceitos, no sentido de que o mundo do campo e suas tradições representam o passado, algo ultrapassado, que precisa ser superado e, por outro lado, o mundo da cidade, espelha e espalha o progresso e a vida moderna. Entretanto, grande parte dos alimentos, das carnes e, em muitos casos, a própria água, consumidos na cidade, vêm dos espaços mais afastados, do meio rural. Na corrida das águas, entre riachos, rios e albufeiras, o campo e a cidade estão interligados. É a partir deste olhar cosmopolita que, neste momento, parece-nos ser de fundamental importância conscientizar, tanto as populações rurais como as urbanas, de que estes recursos precisam ser preservados e, como já testemunhamos em outros cenários, tendem a se esgotar ou contaminar com a atividade da mineração.

No modo como o poder público e também estas grandes empresas multinacionais mineradoras tratam populações mais vulneráveis, como povos originários ou idosos, fica claro certo desprezo e desrespeito, uma vez que são tratados como cidadãos menores, pelo fato de não viverem dentro da lógica capitalista ou não serem mais força ativa para o mundo do trabalho.

Vilarinho da Furna foi outrora uma aldeia onde o comunitarismo imperava. Desde os princípios dos anos 1970, foi afogada pela barragem, construída durante o regime Salazarista, e fica bem ao lado do Campo do Gerês, no município de Terras de Bouro. O modo de vida comunitária que desenvolviam, com um sistema próprio de leis, como a questionar o poder central autoritário, na harmonia entre o homem e a natureza, está explicitado no trabalho do escritor Miguel Torga, como nos mostra Peter Haysom em seu artigo "*Estes povos pastoris: entre a aldeia de Vilarinho da Furna e a literatura de Miguel Torga*" (2018), bem como no

documentário *A preto e branco*, realizado em 1971, por António Campos (<https://www.youtube.com/watch?v=4AAuSmHWZ5s>).

Sufocada pelas águas ou pela mineração, a “arraia miúda” como, às vezes, são nomeadas as populações pobres, muitas vezes não têm escolha, senão a mudança de vida e local de habitação, diante da pressão dos interesses que vêm de cima, do poder central ou do capital. É também um processo semelhante ao da expulsão de moradores que ocorre em centros urbanos, tomados pelo turismo predador, nos casos de gentrificação, também muito presentes em Portugal.

O que se verifica, em diferentes países e cenários é que os parques empregos gerados na atividade mineira, e apenas a atividade extrativa, não levam recursos ou desenvolvimento à região onde ocorre a exploração. A transformação do lítio em hidróxido, e ainda um parque industrial são necessários a fim de que haja alguma perspectiva de lucro mas, ainda assim, sempre muito arriscado, em vista dos prejuízos que surgem no escavar a terra, nos infindáveis processos de lavagem, nas partículas que ficam soltas no ar e nos descartes incontornáveis. Sem falar da transformação total da paisagem, que não se coaduna, por exemplo, com a atividade da exploração turística ou agrícola e agrária de pequeno porte, ainda muito frequentes e tradicionais em Portugal.

A guerra em curso na Ucrânia, impulsionando a crise energética na Europa e no mundo, fortalecendo a indústria armamentista, também parece incentivar, por consequência, a mineração.

Teatro Comunitário e Teatro do Oprimido

O espetáculo teatral *A Mina*, que esteve em cartaz no Teatro Carlos Alberto, no Porto, de 15 a 19 de junho, retrata a situação dos moradores e seus descendentes, muitos deles no palco, ex-trabalhadores e ex-trabalhadoras da mineração, na localidade de São Pedro da Cova. O trabalho mineiro desenvolveu-se desde o século XVIII até o início da década de 70 do século XX. O aparente amparo oferecido pela empresa mineradora em consonância com o poder público, em âmbitos como moradia e saúde, é revelado com crueza, nos relatos de abusos e violência que se abateram sobre as pessoas que lá viviam, na peça de teatro. A ditadura salazarista era parceira neste tipo de negócio aviltante de expropriação de direitos básicos, como educação e alimentação, praticamente incentivando crianças e mulheres grávidas a trabalharem nas minas de carvão, uma vez que era preciso tratar da sobrevivência, em tempos de pobreza avassaladora. Liliana Coutinho, Programadora e Investigadora Integrada do Instituto de História Contemporânea da NOVA FCSH escreve, no programa do espetáculo:

Há quem continue a recusar as minas e peça para que imaginemos mais, inventemos mais, saiamos de vez do paradigma de extração que tem pautado a nossa relação com o planeta Terra e com as pessoas. Numa época em que se projetam um pouco por todo o país novas minas, desta vez não de carvão mas de lítio, para novas tecnologias e novas revoluções industriais consideradas mais verdes, é urgente trazer estas histórias sobre o impacto ambiental e social da atividade extrativa. Para que não fiquem perdidas, para que se inscreva a vontade de não repetir o passado e para que o inventário de gestos, objetos e memórias possa vir a ser, predominantemente, de cuidados.

Após visualizarmos a peça, e também conforme o texto acima citado, pensamos na importância do teatro engajado em causas, no a(r)tivismo. Primeiramente porque é testemunho, em primeira pessoa, de um passado ainda muito recente, no qual os maiores prejudicados ainda não foram devidamente reparados pelos danos sofridos ao longo da vida, como por exemplo doenças que se prolongam, mortes em decorrência de relações trabalhistas mal resolvidas e exploratórias, aposentadorias que deveriam contemplar a insalubridade do mundo laboral. Ressalta-se também o valor da montagem teatral porque serve de alerta a que outras histórias não sigam o mesmo roteiro e chama a atenção para o fato de que realidades passadas precisam ser revistas, pois há reparações a serem feitas.

Um teatro a gerar conscientização sobre o presente, bem como questionamentos sobre propostas que por vezes nos querem oferecer, como vantajosas e lucrativas, para o futuro, moveu-nos na criação da peça *A Céu Aberto*. Não temos fórmulas prontas sobre como queremos ou podemos evoluir, enquanto sociedade ou comunidade, mas pensamos ter clareza sobre o que não queremos, e este nos parece já ser um bom ponto de partida.

Hugo Cruz, Isabel Bezelga e Isabel Menezes, no artigo “Para uma tipologia da participação nas práticas artísticas comunitárias: a experiência de três grupos teatrais no Brasil e Portugal”, indagam: “Poderão ser perspectivadas as práticas artísticas comunitárias como mais uma possibilidade de configuração de formas emergentes de participação cívica e política?” (2020, p. 4). Mediante as experiências que vivenciamos em nosso processo criativo, arrisco-me a responder afirmativamente à questão, o que buscaremos deixar claro ao longo do presente artigo.

Fui desafiada pela Associação Cultural Rural Vivo a trabalhar com referenciais do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (1931-2009), bem como princípios do Teatro Comunitário, como coordenadora de uma oficina regular de teatro. Disse à Evelyne, educadora social e uma das fundadoras da Associação, que não eram estas minhas especialidades, no campo do teatro, mas tinha interesse em estudar, aprender e desenvolver, em conjunto com o grupo, práticas teatrais e de criação artística amparadas por estes referenciais.

O livro *Jogos para atores e não-atores*, de Augusto Boal (1998), funcionou como um bom guia para o desenvolvimento dos encontros, principalmente com as técnicas do Teatro-Imagem e do Teatro-Jornal. O grupo chegou a considerar fazer um experimento de Teatro Invisível, tratando da questão da mineração numa estação ou carro de comboio, mas acabamos por não levar a ideia adiante. Vale lembrar que o grupo já havia experimentado, no verão de 2021, criar uma peça de Teatro-Fórum, com a artista Maria Vasconcelos.

Um certo A(r)tivismo

O conceito de a(r)tivismo não fez parte das reflexões do grupo durante o processo criativo. Entretanto, parece-nos apropriado para situar o espetáculo produzido, pelo ponto de vista que defende, e a dimensão crítica que imagina que o público possa desenvolver. Além disso, o próprio teatro comunitário, com práticas horizontais e discussão de temáticas sociais, pode ser visto como prática a(r)tivista.

Em dissertação de Mestrado denominada *Artivismo. Estratégias artísticas*

contemporâneas de resistência cultural, Teresa de Jesus Batista Vieira remete-nos a uma série de relações que estão postas, neste campo de estudos, como arte e política; a interligação entre forma, conteúdo e circulação das obras de arte; arte e ideologia. No capítulo dois apresenta-nos uma definição com a qual concordamos:

A arte activista também não é estritamente oposição pela contestação mas tem frequentemente subjacente alguma espécie de crítica com vista a pelo menos um reposicionamento de ideias. A arte activista, mais do que pretender transformar o mundo ou transformar a vida através da arte, procura abrir espaços de crítica, interrogar, e quem sabe até resolver questões pendentes ou descobrir respostas. (VIEIRA, 2007, p. 23).

Eva Aladro-Vico, Dimitrina, Jivkova-Semova e Olga Bailey, no artigo “Artivismo: Un nuevo lenguaje educativo para la acción social transformadora” (2018), situam o artivismo como uma “linguagem global”, que emerge no século XXI, e tem como finalidade a intervenção e mudança social. As pesquisadoras salientam a função educativa do artivismo, designando-o como uma “alfabetização sociopolítica”, que exige de quem o pratica uma tomada de posição, o que acaba por gerar um processo de cidadania ativa. Para as autoras, o artivismo também interfere no mercado da arte, ao possibilitar que não artistas, no sentido tradicional ou formal do termo, possam ser criadores que, com seus trabalhos, suscitem ressignificações de espaços e temas.

Na direção apontada pelas autoras acima, Maria Fernanda Carvalho, espectadora que assistiu às duas apresentações da peça *A Céu Aberto*, assim se exprimiu:

A peça serve no meu entender como mote a uma reflexão (...) Se não cuidarmos deste planeta, a casa global de todos nós, não haverá Planeta B. (...) É importante uma educação voltada para a sensibilização ambiental de todos os cidadãos; um investimento em novas condições que nos conduza a um desenvolvimento em harmonia com o ambiente.

Primeiras aproximações à temática

Em todas as sessões fazíamos um início com movimentos para aquecimento do corpo e relaxamento, buscando distensionar possíveis regiões mais endurecidas e trazer o corpo para a disponibilidade necessária na criação criativa teatral. Na sequência, realizávamos jogos para conexão do grupo como um todo, ou em duplas ou trios. Partíamos então para jogos de improviso em torno de temas, matérias jornalísticas ou até mesmo títulos de matérias. Muitos debates e algumas leituras foram feitos. Por fim, fazíamos uma roda ou dinâmica de despedida, com diversos modos de sensibilização: corporal, auditivo, grupal.



Figura 6. Charge sobre o aquecimento global.

Fonte:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_geo_ufpr_ligiamariapereiramendes.pdf.

Nas primeiras sessões, provoquei o grupo com propostas em torno da palavra sustentabilidade, que sabia ser um tema de interesse do grupo. Em seguida, utilizei charges e tirinhas de jornal, como a que vemos na página anterior, que tratavam do aquecimento global.

Logo chegamos ao tema da exploração mineira e, trazido pela Evelyne, mais especificamente, a extração do lítio, a céu aberto, por ser este, na visão do grupo, um assunto premente no cenário português.

É curioso observarmos agora, com a distância do tempo, a dimensão da escolha do tema que foi trabalhado, à luz das observações de Cruz, Bezelga e Menezes:

Considera-se que a escolha do tema é um dos primeiros momentos de um processo criativo, marcante para o que se vai construir daí em diante. Os processos de tomada de decisão quanto ao tema podem ser decisivos para estabelecer padrões de relação que se vão construir e aprofundar no grupo, futuramente. (2020, p. 20).

Trabalhamos durante cinco meses com jogos e exercícios que nos foram levando à construção do espetáculo, numa relação de bastante horizontalidade, que foi se aprofundando através do tempo, entre artistas profissionais (diretora artística e músico) e não profissionais (atrizes e atores).

Como é próprio no teatro comunitário, estivemos abertos a todos que quiseram participar. Houve pessoas que estiveram em uma, duas ou três sessões e, por diferentes motivos, não desejaram ou puderam continuar. Nos primeiros meses, tivemos uma flutuação de participação bastante grande, o que obrigou que tivéssemos bastante resiliência para levar o trabalho da montagem adiante. Eu, dinamizadora da oficina de teatro e diretora artística da montagem, residindo em Braga, realizei semanalmente o percurso de uma hora de minha casa até o Campo do Gerês, em pleno Parque Nacional, assim como muitos dos participantes, que iam

de Barcelos e Vieira do Minho. As palavras acolhimento, aceitação, alegria, troca, espírito crítico e escuta sempre compareceram em nossos encontros.

Na montagem final temos, em cena, onze pessoas que se revezam entre personagens humanos, animais, execução de instrumentos musicais e canto. Temos ainda alguns parceiros colaboradores que contribuíram para a criação e operação da trilha sonora, e na operação de imagens em vídeo. O grupo é constituído por pessoas de diferentes gerações, que trabalham em variadas áreas como agricultura orgânica, educação, confecção, artes performativas e no ativismo. Há quem resida no campo, outros na cidade, e alguns ainda se dividem entre estes tipos de espaços. Temos também diferentes países e culturas de origem como Portugal, Brasil, França, Espanha, Itália e Alemanha. Estas pluralidades de visões de mundo enriqueceram nossos trabalhos. O respeito pela diversidade, bem como a disponibilidade para arriscar e jogar, na cena teatral, fizeram de nossos encontros momentos de alegria, humor e trocas de informações, conhecimentos e energia sempre muito intensas.

Partimos do zero e fomos, aos poucos, construindo uma sequência de cenas que faziam sentido para a criação de um espetáculo teatral. Fomos fixando situações e diálogos que surgiram nos exercícios de improviso. Fizemos visitas de campo, às Minas da Borralha, por exemplo, onde conversamos com ativistas, integrantes de associações de moradores, e residentes em locais que, historicamente, já sofreram as consequências da mineração, e que veem, agora, para o desgosto das populações que habitam estas regiões, a trágica história a (querer) se repetir.

Apenas para marcar algumas situações da pesquisa, no alto de um morro, na Borralha, passamos pela experiência de fecharmos os olhos e ouvirmos os sons de um lado e de outro. Ficou muito evidente o silêncio mortífero, no campo onde houve exploração mineira e ainda restam terras contaminadas e, do outro lado, a riqueza dos sons dos pássaros e animais silvestres. Isto porque as atividades da mineração já se encerraram há 36 anos! Ou seja, a degradação, além de ser imediata, arrasta-se por décadas, até que se possa recuperar a qualidade das águas, do ar e da terra, sem poluentes químicos altamente prejudiciais à vida das pessoas, plantas e animais.

Não tínhamos a obrigatoriedade de construção de um espetáculo. Entretanto, pelo material que já havíamos construído, após cerca de três meses de trabalho, encaramos o desafio com alegria e empenho.

Ao pesquisarmos sobre a situação da mineração do lítio, em Portugal, na internet, tanto por movimentos de oposição a esta atividade, como por fontes favoráveis à mineração (<https://sicnoticias.pt/economia/2022-02-02-exploracao-de-litio-em-portugal-porque-e-que-tem-sido-criticada>, <https://greensavers.sapo.pt/exploracao-de-litio-em-portugal-quais-sao-os-riscos-ambientais/>), acabamos por esbarrar em outras temáticas, como a tão falada “transição energética”, as “energias verdes” ou ainda a “produção de carros elétricos”. Vale ressaltar que uma das integrantes do grupo de teatro, ativista que tem viajado a várias partes do mundo, passou a participar dos encontros teatrais depois de uma sessão de esclarecimento, a fim de que compreendêssemos um pouco mais o contexto da exploração do lítio, em Portugal e em outros continentes.

Alguns passos em nossos percursos de criação

A partir do momento em que já tínhamos cenas construídas, pudemos dedicar um pouco mais de atenção ao estado do corpo na cena, a representar animais, à projeção da voz, ao olhar e à comunicação entre os atuantes e o público.

Tivemos, em nosso percurso, a alegria de poder tratar de um assunto árduo com o olhar crítico do humor. A ritualidade também está muito presente no espetáculo, através do cantar junto, na busca sempre exigente por afinação e na sintonia de movimentos em conjunto. Boal escreve que "A Imagem Ritual é a reprodução mais ou menos minuciosa de ações da realidade cotidiana (...) é a imagem do corpo em movimento – é o movimento da imagem (...) é a imagem do significativo." (1998, p. 265).

Demos muito ouvido à nossa intuição na seleção da trilha sonora, que foi surgindo paralelamente à construção das cenas, quando alguns de nós traziam ao grupo sugestões de músicas que passávamos então a testar, para sentir se funcionavam bem. Houve ainda um agir coletivo, no sentido de cada um oferecer o seu melhor/a sua especialidade, na confecção de adereços e figurinos, por exemplo, em divisões como costura e pintura.

A sinopse da peça que criamos é esta: numa assembleia, os animais tomam consciência de que a solução apontada pelos seres humanos para as questões climáticas e energéticas, em Portugal, é a exploração de lítio. Passam a apresentar, então, cenários deste tipo de mineração a céu aberto, nos quais a degradação é inevitável e os benefícios são altamente questionáveis. Os conflitos que vão surgindo, tratados com humor, abordam, principalmente, as questões que seguem. Afinal, de quem é a culpa pelas alterações climáticas: das flatulências dos bovinos e/ou da ação desenfreada dos homens na destruição da natureza? A corrida pela exploração do lítio, movida por agentes e união de empresas internacionais, sem nenhuma escuta às populações locais, é um jogo limpo? Que futuro podemos entrever, para o mundo rural, entre a atividade agrícola, as tradições e o turismo, se a atividade mineira tomar conta dos territórios portugueses?

O nome da peça, *A Céu Aberto*, foi decidido em votação, já bem perto da data da estreia. Refere-se ao tipo de mineração que tem sido realizada, na exploração do lítio, deixando crateras imensas nas paisagens. As outras opções eram: Cem furos ou sem furos?, Que Aurora queremos? e Grandiosos buracos.

Também já bem perto da estreia, Evelyne e Cheila selecionaram dois vídeos curtos que integram a peça. Um deles com depoimentos de pessoas sobre os malefícios que a mineração pode causar, situações de protestos e resistência, e outro com o problema das grandes lixeiras que se formam, em África, com o descarte tecnológico exportado pela Europa.

O cenário da montagem teatral compõe-se de onze cadeiras, nas quais os atores sentam-se e ficam o tempo todo em cena. Elas estão organizadas em duas filas, nas laterais do palco, fazendo com que o elenco fique o tempo todo a olhar a cena que se desenvolve ao centro, ou ainda a trocar olhar com os atores que se encontram sentados, na fila oposta. Os atores já estavam na cena quando o público foi entrando no espaço, na estreia, o que gerou certo estranhamento por parte de alguns atores, que preferiam entrar no espaço cênico após a entrada do público. Entretanto, esta escolha mostrou-se acertada, ao criar para a representação uma

espécie de espaço ritual no qual todos se olham e são olhados, e vão criando conexões desde antes do momento de a peça começar.

Dramaturgia: uma construção a partir de experimentos cênicos

O texto dramático está organizado em um prólogo e oito cenas. No prólogo, os animais acusam-se uns aos outros, buscando os culpados pelo aquecimento global e, numa assembleia, resolvem ver como é que os humanos estão a viver. O conflito entre os animais, apresentado ao início da peça, acabou por desenvolver-se num certo conflito entre estes mesmo animais, agora unidos, e os humanos, determinados a desenvolver projetos que prejudicam a natureza e a vida animal. Por outro lado, em algumas cenas, temos também o conflito entre aqueles que são pró e aqueles que são contra a atividade mineira, exemplificados em diferentes atores sociais, como os CEOs das empresas de exploração de minérios e os movimentos de ativismo pela ecologia.

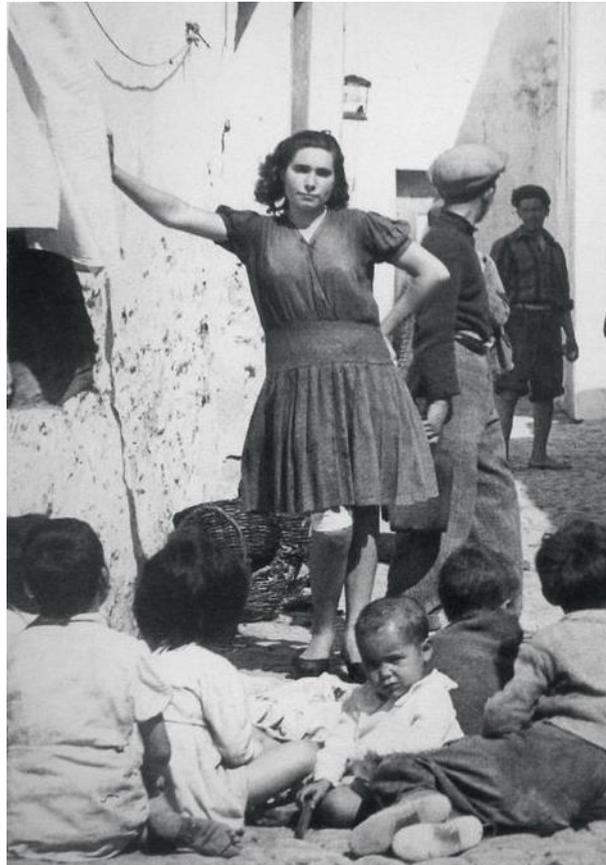


Figura 7. Foto de Artur Pastor. In LAMAS, Maria. *As mulheres do meu País*, 2002, p. 399.

Na cena 1, a partir de uma fotografia de autoria de Artur Pastor (1922-1999), extraída do livro *As mulheres do meu país*, de Maria Lamas (1893-1983), criamos um mundo rural em harmonia, no qual os atores revezam-se nos papéis de adultos, mulheres, homens e crianças, feito um carrossel, cantando uma paródia da cantiga tradicional “Giroflé, giroflá”, com alguns verbos do mundo rural. Os atores realizam ainda ações tradicionais, com mímica. A nossa versão ficou assim: “Fui sachar e

semear/ giroflé, giroflá,/ Fui segar e engajar/giroflé, flé, flá./ Fui malhar e estrumar/ giroflé, giroflá,/ Fui podar e enfardar/ giroflé, flé, flá./ Fui fiar e fui dobar/ giroflé, giroflá,/ Fui tecer, dar de comer/ giroflé, flé, flá.”

Na cena 2, a corrida dos CEOs (*chief executive officer*) do lítio, a música *Chariots of fire*, de autoria do músico Vangelis foi escolhida, para reforçar o aspecto grandioso e cômico. Como Boal sugere, em relação a uma das técnicas do Teatro-Jornal, operamos no sentido da “concreção da abstração” (<https://utida.medium.com/parte-2-teatro-jornal-e-teatro-invis%C3%ADvel-96ceb4e76c45>), ou seja, passamos do sentido figurado da expressão “corrida ao lítio”, que aparece em muitas matérias que exploram o assunto, tornando-a uma corrida concreta.



Figura 8. Cena A corrida dos CEOs do Lítio, do espetáculo A Céu Aberto. Terras de Bouro, 2022. Foto de Rafael Carvalho.

Uma repórter esclarece ao público a sigla CEO, que vem do idioma inglês e quer dizer “os manda-chuvas, os chefões”, na nossa linguagem popular de comunicação, no espetáculo. Ao lado dos 4 CEOs, denominados Pop, Green, Competition e Evolution, temos assistentes identificados como Autarca, Geólogo, Presidente da Junta de Freguesia e Consultor Ambiental, uma vez que as empresas mineradoras têm, ao seu lado, pessoas nestas funções. O idioma inglês é também tratado num sentido cômico, já que muitos destes empreendimentos vêm de outros países e parecem usar uma terminologia que dificulta o entendimento, pelas gentes simples dos locais, sobre o que se está a passar. A caracterização destes CEOs, com luvas de boxe, perucas, *blazers*, joelheiras, e a movimentação, com jogos sujos de puxar, empurrar, bater, em câmera lenta, foram criadas com inspiração em cenas clássicas de palhaçaria. A única coisa que estes CEOs querem é ganhar, não importa a que custo, o que nos leva à seguinte citação do filósofo francês Henri Bergson: “Essa rigidez é o cômico, e o riso o seu castigo.” (2019, p. 24).

O fato de os CEOs passarem por cima do público, em sua corrida, é um recurso metalinguístico, que se reforça com o fecho da repórter nesta cena: “Como podem ver, vocês que estão em casa e vocês, que estão aqui, os CEOs estão mesmo

indo para cima de todos, com tuuuuudoooo!!!” A reação do público a esta cena, na segunda apresentação da peça, foi inesperada para o elenco, pois vaias surgiam, a cada fala de apresentação dos CEOs, o que é perfeitamente compreensível, uma vez que se tratava de uma plateia altamente crítica e informada sobre o assunto. Na primeira apresentação, o riso foi farto, diante do modo ridículo como os CEOs se apresentam, e da maneira espalhafatosa como se movimentaram sobre o público que, aliás, estava numa plateia com degraus que muito favoreciam estes deslocamentos. Na obra de referência *O riso*, já citada anteriormente, Bergson defende que “O nosso riso é sempre o riso de um grupo. (...) Por maior franqueza que lhe suponhamos, o riso subentende um acordo prévio implícito, uma cumplicidade quase, diria eu, com outros que, reais ou imaginários, também riem.” (2019, p. 16).

Na cena 3, a repórter apresenta um grupo de manifestantes contra a mineração. Uma base em *beatbox*, gravada pelo grupo com o músico Frankão, sustenta o Rap criado com os nomes dos minérios que as empresas pretendem extrair em Portugal, como denunciam as matérias de organizações que estão a acompanhar estes licenciamentos para autorização de operações. Eis aqui a letra criada:

Ouro, prata, cobre/ Chumbo, zinco, ferro/ Níquel, vanádio, estanho/
Nióbio, rubídio, escândio/ Antimónio, crómio, tântalo/ Manganês, bário,
cobalto/ Terras raras, caulino, quartzo/ Feldspato, volfrâmio, zircónio/
Háfnio, titânio e molibdénio/ (Coro/Bis)/ São tantas palavras estranhas/
São tantos palavrões/ Que ficamos sufocados/ Enojados/ Com estas
explorações.

Na cena 4, retomamos a cantiga “Giroflé, giroflá”, com um canto um pouco menos doce, mais seco. As ações do mundo rural retornam, com objetos reais deste cotidiano como sacholas, tesouras, roda de fiar, e são interrompidas por sons de bombas e caminhões, reforçados por tremores corporais, simulando então a mineração a acontecer, naquele território. A paródia da letra da música, nesta passagem, é cantada assim:

Fui ao jardim da Celeste,/ giroflé, giroflá,/ O que foste lá fazer?/ giroflé,
flé, flá./ Fui até lá espiar/ giroflé, giroflá,/ Não gostei do que lá vi/ giroflé,
flé, flá./ Isso não é lá comigo/ giroflé, giroflá,/ É na aldeia do vizinho/
giroflé, flé, flá./ Eu nem gosto muito dele/ giroflé, giroflá,/ Cada qual no
seu quadrado/ giroflé, flé, flá./ Queremos a serra limpa/ giroflé, giroflá,
Nada de mineração/ giroflé, flé, flá.

Esta cena teve bastante impacto em nossa estreia, que se deu num auditório, a ponto de uma criança do público perguntar, ao fim da apresentação, se o palco estava mesmo tremendo. Não tínhamos ideia de como seria a recepção do público à nossa peça e tivemos uma audiência de famílias e, para nossa felicidade e surpresa, muitas crianças atentas e interessadas. Levantamos a hipótese de que esta resposta do público mais novo se deu por diversos fatores: pelo fato de trazermos representações de animais à cena, pelas músicas e pela comicidade que atravessa o espetáculo. Estas características não foram decididas a priori pelo

grupo, mas foi se delineando durante o processo de criação, como já mencionamos anteriormente. Uma amiga nos contou que a filha, uma criança de seis anos, indagou que não tinha entendido: “Afiml, os animais estavam felizes ou não?”, o que a mãe considerou positivo pois, na sua visão, a peça, em vez de dar respostas prontas, gera perguntas, que permitem aos adultos conversarem com as crianças sobre o tema da mineração de maneira clara e acessível. Como nos esclarece Augusto Boal,

(...) o objetivo do Teatro do Oprimido não é o de terminar um ciclo, provocar uma catarse, encerrar um processo, mas, ao contrário, promover a auto-atividade, iniciar um processo, estimular a criatividade transformadora dos espect-atores, convertidos em protagonistas, cumpre-lhe, justamente por isso, iniciar transformações que não se devem determinar no âmbito do fenômeno estético, mas sim transferir-se para a vida real. (1998, pp. 345-346).

Nesta mesma direção, Teresa Vieira argumenta que “(...) estes artistas através da organização de comunidades em torno dos seus próprios problemas, procuram empossar os seus participantes a reflectir e a resolver os mesmos, estimulando por fim a mudança sócio-cultural.” (2007, p. 27).

Tanto no teatro político, como o desenvolvido por Boal, como nas diferentes formas de teatro artista, como ainda no teatro comunitário, temos um acento no fazer em grupo, coletivo, que muitas vezes quebra com as fronteiras rígidas entre artistas e público, em prol de causas que, na vida, envolve a todos, indiscriminadamente. Estas práticas performativas também carregam, em comum, o fato de se afastarem do que podemos chamar o mercado de arte, atuando mais em espaços e cenários paralelos, tendendo mais ao espaço público, democrático, do que o privado, sectário e mercantilizado.

Retornando à cena 4, o comportamento que muitas vezes ocorre, de falta de união, mesmo na luta comum contra a mineração, aparece na letra da canção inventada por nós, com as frases “eu nem gosto muito dele”, “isso não é lá comigo”, ou “cada qual no seu quadrado”. A cena encerra-se com uma pergunta que questiona o grupo: “Vocês não usam telemóvel, não querem comprar um carrinho elétrico, não? Afiml de contas, por que não querem a mineração?” E a resposta vem forte, coletiva, com o canto da música *Os vampiros*, de Zeca Afonso, destacada na epígrafe deste artigo: “Eles comem tudo, eles comem tudo/ Eles comem tudo e não deixam nada.”

Na cena 5 fizemos um exercício de imaginação de um futuro não tão distante, sob o exemplo do que já vem ocorrendo em outros territórios do planeta, e situamos a cena em Portugal, 2035. Três jornalistas apresentam, como numa série de reportagem especial, televisiva, a destruição provocada pela mineração, em três diferentes locais de Portugal: Barroso, Argemela e Cercal do Alentejo, que foram escolhidos por se tratar de regiões a norte, centro e sul, onde a mineração têm avançado. O cenário que apresentamos ao público, com os corpos dos atores a representarem crateras abandonadas e águas poluídas é de desolação. A comicidade se mantém com a repórter entrevistando as moscas, as únicas

sobreviventes do local. A mitigação apresentada, embora pareça algo do mundo da ficção, foi retirada de um caso real: “Resta-nos apenas a cratera. Dizem que vão enchê-la de água e colocar ali uns barquinhos, para o deleite e lazer de eventuais turistas. É a chamada mitigação, ou seja, suavização dos impactos negativos.” Os atores finalizam esta cena dançando e cantando a música *Maré alta*, de Fausto, José Mário Branco e Sérgio Godinho, como que numa conclamação a que todos se mecham e ajam, diante dos avanços da maré da mineração que se vem anunciando.

Na cena 6 duas vacas acompanham o surgimento de uma linha de montagem de carros elétricos, acabam quase sendo atropeladas por eles, e questionam se não haveria outras soluções, como as baterias de sódio, além de refletirem sobre o problema dos descartes de baterias e da obsolescência tecnológica.

Na cena 7 a ironia aflora com um grupo de manifestantes a cantarem uma paródia da marcha carnavalesca *Aurora*, de Mário Lago e Roberto Roberti: “Se você fosse sincera/ Ô, ô, ô, ô, Aurora/ Veja só que bom que era/ Ô, ô, ô, ô, Aurora (2x)/ O ar intoxicado/ Os teus pulmões cheios de dor/ Solos contaminados/ E a água com fedor/ Esta é a riqueza/ Que você teria agora/ Ô, ô, ô, ô, Aurora”.

A motivação para esta criação foi o fato de descobrirmos, em nossas pesquisas, uma empresa batizada com o nome de Aurora, na área da exploração mineira, em Portugal. E trouxemos também, ao texto, mais este esclarecimento, no diálogo entre duas moscas:

Mosca 2: Pra quem não sabe, Aurora, é o nome de duas empresas, que se juntaram para formar uma *joint venture*.

Mosca 1: (Chorando) Uaaa!!! *Joint* o quê? Aventura?

Mosca 2: *Joint venture*, querida, em bom português, é um empreendimento conjunto, para tratar o mineral lítio e transformar em hidróxido, que serve para fazer baterias.

Mosca 1: (Chorando) Hidróxido de lítio? Aaaai... quanto palavrão!

Mosca 2: Calma, minha flor, calma. Isto é só o começo, a Aurora quer ser *player*, investidora!

Na cena 8, que fecha o espetáculo, temos todos os animais novamente reunidos em Assembleia: vacas, porcos, galinhas, gata, cadela, moscas e a coruja, que representa a sabedoria. Esta última conclui com um discurso:

Desejamos acordar os animais, sejam eles do campo ou da cidade, com música e teatro, afinal, somos bichos-artistas. Uma pose para a posteridade! (Todos fazem os sons característicos de bichos e posicionam-se para uma foto). A nossa luta é a da formiga contra o elefante. Formigueiros, uni-vos! Solta a música, maestro!



Figura 9. Uma pose para a posteridade, do espetáculo *A Céu Aberto*. Terras de Bouro, 2022. Foto de Rafael Carvalho.

Esta ideia da “luta da formiga contra o elefante” nos foi trazida por uma moradora das Minas da Borralha, com quem conversamos quando lá estivemos. Em frente à sua casa havia um cartaz dizendo “Não à mineração”. Ela foi muito receptiva à nossa presença, pois estávamos com pessoas do lugar que ela já conhecia desde a infância, e também nos convidou a voltar numa outra ocasião, para conversarmos com sua sogra, uma senhora de mais de noventa anos, que vive ali com ela, e tem muitas histórias para contar, sobre a mineração que lá acontecia, em décadas passadas.

O casal que está à frente da luta anti mineração em Cabril, nas ocasiões em que estiveram conosco, reforçou a necessidade de juntarmos mais pessoas e forças, a fim de termos mais fôlego para a luta. A resistência é um processo desgastante, que exige resiliência, uma vez que as forças capitalistas são difíceis de desistir de seus objetivos e sempre buscam caminhos diferentes de ação quando surgem barreiras no caminho da consecução de suas metas. De um certo modo, ao final da peça, também estamos fazendo este apelo, para que mais pessoas se engajem na batalha que estamos a travar. A luta também pode estar envolta em festa e, por isso, terminamos o espetáculo com uma versão rock da música “Giroflé, Giroflá”, altamente festiva e dançante, executada pelo grupo Despe e Siga (<https://www.youtube.com/watch?v=AyLGomO46wE>).

Em jeito de conclusão

O grupo do Teatro do Campo, motivado pelas respostas positivas dos espectadores, nas duas ocasiões em que a peça foi apresentada, pretende seguir com o espetáculo, como meio de despertar no público a necessidade de pensar sobre o assunto da mineração e posicionar-se. A peça, para o grupo, representa estratégia de resistência, em favor da natureza e contra os interesses gananciosos e falaciosos do lucro empresarial. Apenas com mais apresentações, bem como captações sistemáticas (em áudio e/ou vídeo) das respostas do público, conseguiremos dimensionar melhor o potencial a(r)tivista do espetáculo *A Céu Aberto*.

Nossa ligação é entre o passado que queremos preservar, o presente que

queremos viver e o futuro que queremos garantir, para nós e as gerações vindouras. Identificamo-nos com a proposição de Cruz, Bezelga e Menezes, quando escrevem que "(...) as práticas artísticas comunitárias têm como característica a promoção do cruzamento de formas de ver, ser e fazer o mundo." (2020, p. 21).

O desafio que está posto é o de conciliar o desenvolvimento das regiões com uma sustentabilidade verdadeira, que dê ouvidos e voz a quem está, ao longo dos tempos, a ocupar estes territórios, majoritariamente rurais.

As degradações próprias da atividade mineira se arrastam através do tempo e do espaço, como pudemos notar em conversas, na visita que fizemos às Minas da Borralha, e no espetáculo *A Mina*. À pressão capitalista para a exploração do lítio, contrapomos a necessidade de pareceres de impacto ambiental sérios e verdadeiros, a fim de que as tomadas de decisões sejam amparadas por parâmetros científicos. É urgente que os cidadãos sejam ouvidos nas decisões de políticas públicas, econômicas e de desenvolvimento, e que os desejos dos habitantes dos lugares sejam respeitados e levados em conta. Neste sentido, chamamos mais uma vez a atenção para a proposição cosmopolítica, como defendida por Stengers:

(...) a necessidade dessa criação de um "bom mundo comum", onde cada um estaria apto e pronto para ver "com os olhos do outro", se funda naquilo que deve ser aceito por todos: não mais em um interesse geral sempre discutível, mas em um argumento de peso que constitui a urgência por excelência, a sobrevida da própria humanidade. (2018, p. 463).

Augusto Boal destaca que "O Teatro do Oprimido está no limite entre a ficção e a realidade: é preciso ultrapassar esse limite. E se o espetáculo começa na ficção, o objetivo é se integrar na realidade, na vida." (1998, p. 347). Por fim, Teresa Vieira, na conclusão de sua dissertação, aponta que "O ativismo cultural tem-se afirmado como uma das possibilidades mais activas e criativas na redefinição das fronteiras da arte e do papel do artista como entidade socialmente envolvida e responsável." (2007, p. 114).

A peça de teatro *A Céu Aberto* é nossa arma comunitária de resistência, na luta pela vida, nossa pegada a(r)tivista e cidadã, em busca de mais conscientização, engajamento e existência plena.

Referências

ALADRO-VICO, Eva. JIVKOVA-SEMOVA, Dimitrina, e BAILEY, Olga. Artivismo: Un nuevo lenguaje educativo para la acción social transformadora. **Comunicar**, Espanha, 57, p. 09-18, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.3916/C57-2018-01>> Acesso em: 11 nov. 2022. ISSN 1141-3478

A MINA. Programa do espetáculo. Direção artística André Amálio e Tereza Havlícková. Teatro Carlos Alberto, Porto. 15-19 de junho, 2022.

BERGSON, Henri. **O riso**. Ensaio sobre a significação do cômico. Lisboa: Relógio D'Água, 2019. 126 p. ISBN 978-989-641-958-5

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. 347 p. ISBN 85-200-0118-1

CRUZ, Hugo, BEZELGA, Isabel e MENEZES, Isabel. Para uma tipologia da participação nas práticas artísticas comunitárias: a experiência de três grupos teatrais no Brasil e Portugal. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2237-266089422>>. Acesso em: 08 set. 2022.

HAYSOM, Peter. "Estes povos pastoris": entre a aldeia de Vilarinho da Furna e a literatura de Miguel Torga. *Cadernos de Literatura Comparada*. Porto, n. 38 – 6/2018. p. 247-270. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21747/21832242/litcomp38a14>>. Acesso em: 22 set. 2022. ISSN 2183-2242

LAMAS, Maria. **As mulheres do meu país**. Lisboa: Caminho, 2002. 471 p. ISBN 972-21-1491-3

LIBA, Claudia Maria, ROCHA, Hellen e CASTRO, Mary Lobas. Mineração de lítio, percepção ambiental em Divisa Alegre-MG: desenvolvimento para quem? **XXII ENGEMA – Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente**. Novembro, 2020. Disponível em: <<http://engemausp.submissao.com.br/22/anais/arquivos/53.pdf?v=1663840451>>. Acesso em: 22 set. 2022. ISSN 2359-1048

NÚCLEO EXPOSITIVO DA TORRE DE MENAGEM DO CASTELO DE LINDOSO. Ponte da Barca, 2022.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, abr. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>>. Acesso em: 06 set. 2022.

VIEIRA, Teresa de Jesus Batista. **Artivismo**. Estratégias artísticas contemporâneas de resistência cultural. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Belas Artes - Universidade do Porto, Porto, 2007.